



Expresso
Revista

30-11-2013

Periodicidade: Semanal
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 131300

Temática: Saúde
Dimensão: 3034
Imagem: S/Cor
Página (s): 24 a 30

DETERMINADO
QUANDO VIU QUE
O GOVERNO IA CAIR,
FEZ O SNS POR
DESPACHO. EM
TRÊS OU QUATRO
ARTIGOS TRAÇOU
AS LINHAS GERAIS



ANTÓNIO ARNAUT

“Se o SNS
não fosse feito assim,
nunca mais era feito”

POR CLARA FERREIRA ALVES

Foi ministro dos Assuntos Sociais de Mário Soares em 1978 e é o pai do Sistema Nacional de Saúde, numa altura em que se morria por falta de assistência médica. Humanista, socialista e maçom, desfia as memórias de como foi feita uma das maiores reformas sociais em Portugal

FOTOGRAFIAS DE LUIZ CARVALHO

U

Um dos seus aforismos, publicado em livro, é: “Se caminhares em grupo, procura ser o último, para te certificares que ninguém fica para trás.” Diz que é mais poeta e contista. “Tens escrito?”, perguntava-lhe o médico Adolfo Rocha, o amigo Torga. Torga disse-lhe que tinha a “obrigação patriótica de escrever as suas memórias”. “Sou sensível à questão da pátria. Mas não podia fazer ajustes de contas. E ele disse-me: ‘Depois de uma grande discussão, escreve sob a forma de ficção.’ E assim escrevi o ‘Rio de Sombras.’” Os ajustes de contas têm a ver com as guerras que travou para fundar o Serviço Nacional de Saúde (SNS). António Arnaut, advogado de Coimbra, foi fundador do PS e ajudou a criar a democracia portuguesa. Hoje, está há meses numa lista de espera para ser operado às cataratas. Não aceitou o cheque público para ser operado fora do SNS, “para não beneficiar a medicina privada”. Almoçámos num restaurante tradicional, junto ao escritório. “Uma sopita?” Filetes de tamboril com arroz de feijão. Meia garrafa de Dão. Quis ser, e foi, “tribuno da plebe”. Foi político e advogado, é escritor. Foi o 42º grão-mestre do Grande Oriente Lusitano (GOL). No escritório, as fotografias atestam a obediência maçónica e a família socialista. Mitterrand, mas também Miller Guerra. A toga está na cadeira. Diz que tem um fraco por D. Quixote.

E aqui se conta a história do SNS.

Está há muito tempo retirado da política.

Sacudi o pó do sapato e retirei-me. Para não ter vergonha de mim próprio. Não podia ser conivente com os meus camaradas, mas também não podia ficar calado. Vim-me embora quando começaram os fumos da corrupção. Porque no meu tempo, nós, dirigentes, colávamos os cartazes e pagávamos os cartazes. E fazíamos senhas que sorteávamos para arranjar dinheiro. Nunca recebi um centavo do partido dos milhares de quilómetros que fiz. Nem carro à conta do partido. A certa altura deixaram de pedir dinheiro para as campanhas, quando começaram a ser mais caras. Onde vem este dinheiro? Huummmm. E também por causa do Serviço Na-

cional de Saúde. Houve gente dentro do partido que fez coisas ignóbeis, intrigas contra mim para não o criar.

Foi assim tão difícil? As pessoas acham o SNS um estado natural.

Foi. O direito à saúde implicou uma mudança mental, civilizacional. A saúde era uma mercadoria paga. Só tinha direito a ela quem pagasse ou quem levasse um atestado de indigência. Humilhante! Na minha aldeia conheci pessoas que morriam por falta de assistência médica. Não havia água potável, a água era a das chamadas fontes de chafurdo, e as pessoas morriam de febre tifoide ou outra coisa qualquer. E chamavam o médico para as pessoas não dizerem que morreu sem o chamarem. Era um João Semana. Eu, parafraseando o Torga, sou um revolta-do pacífico. Aquilo revoltava-me. Sabe quem falou pela primeira vez no Estado social? O Pio XI na “Rerum Novarum”.

A primeira fase é a da compaixão. Daí até à construção de um sistema equitativo que traduza a compaixão e a bondade vai uma distância. E um trabalho. Como é que se tornou “pai” do SNS?

Fui convidado pelo Mário Soares para o II Governo, para ser ministro da Justiça. Eu sabia daquilo, tinha quase 20 anos de advogado. Disse-lhe que não queria ser ministro, queria continuar deputado. Não tenho jeito para o poder. Nunca tive. O poder é um dever. Se tenho de decidir por si, perco a minha liberdade. Quando era grão-mestre, sentia-me manietado. Não podia chegar ao Ministério e fazer um despacho a dizer: “Está abolida a pobreza.” O poder é uma impotência. Recusei. Com o Mário Soares tive sempre uma grande confiança, apesar das divergências, a amizade vinha muito de trás, e sempre lhe disse as coisas na frente: “Mário, estás a traír o partido”, “Mário, estás feito com outros interesses”, “Mário, não podes pôr o socialismo na gaveta. O socialismo é uma ética, um humanismo.”

E ele não se chateava consigo?

Pode perguntar ao Sampaio, com quem conspirávamos no sótão do Guterres, e a outros, quem é que dizia ao Soares umas coisas duras na Comissão Nacional quando era preciso dizê-las. Eu ou o Zenha. Porque o Sampaio e o Guterres tinham projetos de poder, e realizaram-nos, foram secretários-gerais. O Zenha era um homem íntegro, um dos mais íntegros que conheci. Como Fernando Valle, como o Torga. Limpos de consciência.

Política e moral de vez em quando não são incompatíveis?

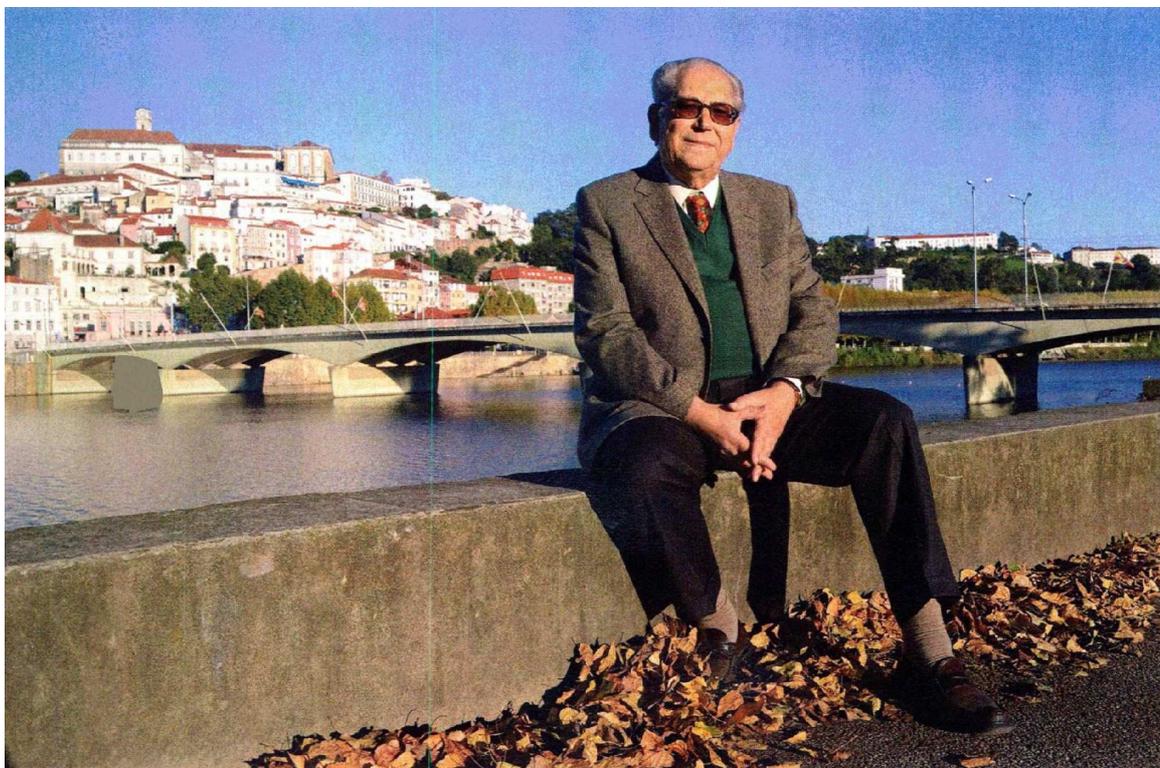
O Maquiavel também diz isso, o Hegel diz que não. A política é o lugar da ética. A coisa do bem comum vem do São Tomás de Aquino, do Rousseau... Esta malta nova nunca leu nada, nem o Antero. Respondendo ao SNS, o Mário insistiu comigo para ser ministro da Justiça e deu-me uma razão que eu não podia recusar. Disse: “Arnaut, és o único capaz de acabar com a corrup-

ção na Polícia Judiciária.” Pôs-me em brios de tal maneira que eu disse: “Aceito, vou tentar fazer o possível, nem que tenha de ir dormir para a Judiciária.” Fui ao Ministério para começar a fazer o programa. Tinha-o quase feito, e no programa estava a criação do que poderia chamar-se Serviço Nacional de Justiça. Era a criação do defensor público, que se contrapunha ao acusador público. Um desgraçado não tem quem o defenda, a não ser essas oficiosas... Tinha aquilo feito quando o Mário me manda chamar a São Bento e me diz: “Arnaut, tens de ser ministro dos Assuntos Sociais.” “Então e a minha missão de acabar com a corrupção na Judiciária? Não é preciso? Se não é, liberta-me. Porquê os Assuntos Sociais?” Diz-me ele: “Porque já convidei dois camaradas para serem ministros e recusaram. E não posso formar Governo sem este ministro.” Um deles, que recusou, foi o Sampaio. Posso dizer isto porque ele o reconheceu naquele livro do José Pedro Castanheira. O outro, muito conhecido, não lhe digo quem é. Aquilo nos Assuntos Sociais era uma guerra, com greves e conflitos. Disse ao Mário que de hospitalis não percebia nada. Resposta dele: “Tu não és socialista? Então tens aí o teu campo! Quanto à Saúde, arranjas um bom secretário de Estado e está o assunto arrumado.” Encurtando razões, aceitei. O SNS estava previsto na Constituição, mas não existia nada.

Imaginou que fosse tão atacado?

Não! Fui muito ingénuo. Como se tratava da dignidade humana, e como acho que a igualdade é inseparável da liberdade, aceitei. A igualdade, aprendi isso na Maçonaria, é fundamental. E a igualdade numa situação de fragilidade, a doença, é um imperativo categórico. Eu sabia o que queria, tinha estado na Constituinte. Queria o SNS inglês. E o conselho de escolher um bom secretário de Estado foi bom, lembrei-me logo

O DIREITO À SAÚDE
 IMPLICOU UMA
 MUDANÇA MENTAL,
 CIVILIZACIONAL.
 A SAÚDE ERA UMA
 MERCADORIA PAGA



CRITICADO "A DIREITA ULTRAMONTANA, COM O GENTIL MARTINS À FRENTE E COM OS BARÕES DA MEDICINA, PERCEBEU QUE AQUILO ERA MESMO PARA SER FEITO. 'AQUELE TIPO É DOIDO, É LOUCO', DISSERAM"

do Mário Mendes, meu amigo, que era médico, obstetra, com clientela. Como é que ele ia deixar aquilo? Ganhávamos 30 e poucos contos, em 78. Não sobrava nada para mim, depois das despesas. Vivia com dificuldades. Não tínhamos cartão de crédito nem ajudas de custo. E pagava 20 contos de hotel. Fui falar com o Torga, aconselhar-me. O Mário Mendes aceitou logo, com a condição de se fazer o SNS. Ora o II Governo Constitucional era fruto de um acordo de incidência parlamentar com o CDS. Apresentei o programa do SNS ao Mário Soares, que falou com o Freitas do Amaral e que não pôs objeção nenhuma. Depois apresentei o programa na AR, parte do programa do Governo. E o CDS aprovou e bateu palmas. Todos pensavam que aquilo era a brincar e que os programas do Governo não eram para cumprir. Mas não era a brincar. **Dentro do PS também havia quem achasse que aquilo não era para se fazer.**

Alguns. Especialmente o Constâncio. O programa original do partido, que ajudei a redigir na Alemanha, era muito de esquerda. Saúde, etc. Até previamos um salário para a mulher que ficasse em casa a tomar conta dos filhos. E depois daquilo comprometi-me no prazo de cinco meses a apresentar o projeto da Lei de Bases do SNS. Tinha-o ao fim de um mês. Nomeei um grupo de trabalho.

Tinha amigos a ajudar? Além do Torga e do Mário Mendes?

Os inimigos eram uma multidão. Mas nesse grupo de trabalho estava o sujeito que sabia mais

de Saúde em Portugal e que começou a fazer o SNS em 1971, no Marcello [Caetano]. Chamava-se António Gonçalves Ferreira e fez a reforma da Saúde sendo secretário de Estado da Saúde do Baltazar Rebelo de Sousa. Fez os decretos das carreiras médicas, a estrutura do SNS, e depois declarou que a Saúde era um direito de personalidade. Ele pertencia aos quadros do Ministério. E sabia imenso, era professor na Escola Nacional de Saúde Pública, e era solteiro. Vivia obcecado com aquilo, tinha um conceito de Saúde. E nomeei a Maria dos Prazeres Beleza, a mãe das Beleza, que sabia tudo, a parte das circulares, era a secretária-geral do Ministério. O meu grupo de trabalho trabalhava muito, muito. Manhã, tarde e noite. Ela era muito conservadora, monárquica e miguelista, a Maria dos Prazeres, uma senhora respeitadíssima, casada com um professor meu aqui em Coimbra. Ela achava que eu tinha qualidades e era generoso, até que alguém lhe disse em casa que eu era maçom. Ela respondeu que não podia ser, achava que os maçons comiam os padres. Ao fim de um mês e meio anunciei o anteprojecto, que foi submetido à discussão pública nacional.

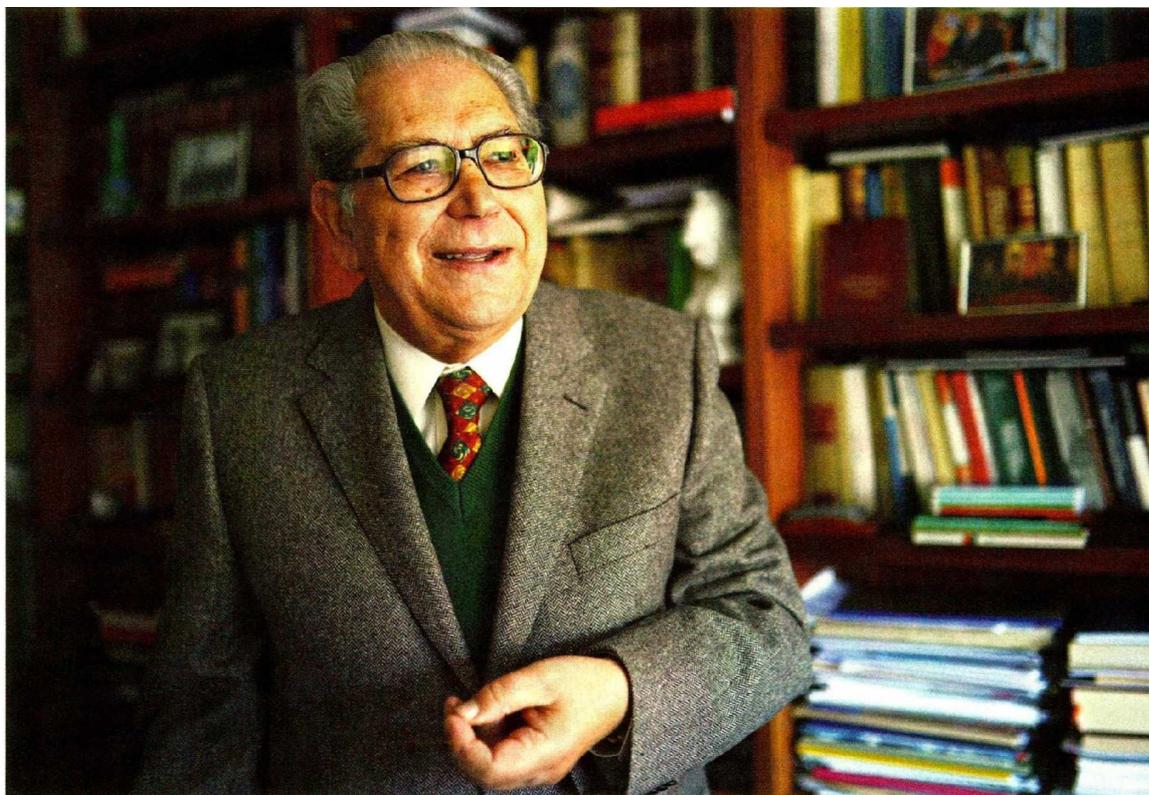
Como é que fizeram um anteprojecto tão depressa?

Queríamos mesmo fazer aquilo. Eu só tinha um assessor, o Miguel Bezerra. Eramos pessoas sérias. No grupo de trabalho havia gente de grande competência e honestidade, e 60 a 70% daquilo foi escrito pelo António Gonçalves Ferreira. Eu redigi alguns artigos técnicos, mas não

podia fazer tudo, também tinha a Segurança Social. Eu tutelei a Casa Pia, antes destes escândalos... E tinha a Mitra, criada pelo Pina Manique para tirar os vadios da rua. Fui visitar aquilo no dia 25 de abril de 1978. Cheguei lá e fiquei indignado com o que vi. Crianças, alienados, homens, mulheres, prostitutas, tudo misturado nuns armazéns com um cheiro horrível, a miséria, a mijo. E disse: "Isto não pode existir, houve uma revolução em Portugal." E fiz um despacho com essa data, 25 de abril, em que digo que não sabia da existência daquilo e que concedia a mim próprio seis meses para resolver o assunto. Resolvi-o num mês, facilmente. Mande limpar, fazer uma obras em que se gastou pouco, tornei aquilo habitável. E depois fiz um decreto a estabelecer tudo. Adiante... Anunciei o SNS em conferência de imprensa, fiz a apresentação do anteprojecto e vi logo as parangonas dos jornais. Disse ao Mário Soares que aquilo tinha a ver com o Governo e não comigo.

Ele não exerceu pressão sobre si?

Exerceu. Mas compreensível. Mandou o Almeida Santos à conferência de imprensa. A partir daí, a direita ultramontana, com o Gentil Martins à frente e com os barões da Medicina, percebeu que aquilo era mesmo para ser feito. "Aquele tipo é doído, é louco", disseram. Tenho um poema em que digo que é nas asas do sonho que a loucura faz o ninho. Começo a ser objeto de pressões, primeiro de tipo suave: "Ó Arnaut, tem cuidado, isto tem de ser bem visto, porque..." E começaram as pressões e as intrigas.



HUMANISTA TEM COMO REFERÊNCIAS CHE CUEVARA, JESUS CRISTO, GANDHI. E TEM UM FRACO POR D. QUIXOTE. "PRAGMATICAMENTE, SOU UM REFORMISTA. POETICAMENTE, SOU UM REVOLUCIONÁRIO". AFIRMA

E difícil fazer uma campanha suja contra si, não há nada de reprovável na sua vida. Não há segredos, pontas soltas...

Não havia nada. O máximo foi uma fotografia publicada no Expresso em que estou a dormir numa reunião. O Mário falou comigo porque o CDS estava incomodado. Eu continuava a ser atacado por todo o lado. E voltou a falar comigo por causa dos problemas com o CDS. Eu respondi que estava no programa do Governo, tinha dado a minha palavra, era um camponês honrado... Tinha apresentado aquilo na AR em nome do Governo, do partido e em nome pessoal. "Arnaut, tens de parar, o CDS não aguenta." Eu respondi que não tirava uma vírgula. Se aquilo não fosse para a frente, ele que me avisasse, porque ia preparar a mala e abalava para Coimbra no comboio. Ele aguentou aquilo mais 15 dias, e as bases estavam todas entusiasmadas.

O SNS foi o motor do desenvolvimento humano em Portugal?

Foi a maior reforma social do século XX português. Junto com a reforma do Ensino na I República. E o Soares vem outra vez ter comigo para ver se eu aceitava almoçar com o Freitas do Amaral. Eu disse: "Com certeza!" Ele marcou o almoço, eu é que paguei. No Hotel Tivoli. Foi uma conversa franca, cordial, ele hoje já está paredes-meias com a social-democracia, mas na altura não era assim. E ele diz-me: "Arnaut, você tem razão, o SNS é absolutamente necessário para o país, mas não o podemos fazer neste

momento, porque eu não aguento o partido, que me diz que isto é uma reforma socialista. Nunca houve nada tanto à esquerda." Eu respondi: "Professor, se lhe quiser chamar socialista, chame, mas acabe a qualificação, diga socialismo cristão. Não tem nada, na doutrina da Igreja, que vá contra isto." Ele disse que eu tinha razão mas que não aguentava o partido. Queria convencer-me a suspender e eu dizia que não podia, tinha apresentado aquilo na Assembleia, era uma pessoa honrada. Ele diz-me assim: "Se você não desistir disso, suspender, pôr em banho-maria, o Governo cai." E eu disse-lhe que aí era alta política, a questão não podia ser discutida comigo. Ele tinha de ir falar com o Mário Soares. Nunca contei esta conversa a ninguém e estou a resumi-la. Revelo-a agora porque o Freitas do Amaral a contou no II volume das memórias políticas dele. Não cedi. E o Soares teve a conversa com o Freitas do Amaral. O tempo foi passando e a certa altura o Soares cedeu. Mas não evitou a queda do Governo. Ele sabia que o partido estava todo comigo e que eu tinha força dentro do partido. E, no fundo, ele dava-me razão. Humanamente, sabia que eu tinha razão. Mas compreendo o drama dele, era primeiro-ministro! Compreendo que possa hesitar entre cumprir uma promessa do Governo e evitar a queda do Governo. São dilemas. Apresentei o projeto em Conselho de Ministros, em junho, e no CDS o Sá Machado, o Rui Pena, o Basílio Horta foram dos mais entusiastas a apoiar o

projeto. Todos. O Constâncio pôs as dúvidas da sustentabilidade. O CDS retirou-se do Governo, com as pressões, e ficámos só nós. Os interesses instalados, a Ordem dos Médicos, foram mais fortes. Os mesmos interesses que estão aí, hoje. **A Saúde é um grande negócio, desperta cobijas...**

Os grandes investimentos privados aqui em Coimbra, na Saúde, com três unidades de média dimensão, uma encostada ao Hospital Pediátrico, foram feitos no pressuposto de que o SNS seria reduzido à sua expressão mais simples. Seria um serviço só para pobres. Precisam de degradar o SNS ao ponto de a classe média desertar para o privado. Já há consultas de urgência por 40 euros. E vão entregar os hospitais das Misericórdias às Misericórdias, que não estão preparadas para administrar aquilo e irão fazer concessões aos privados. É uma forma de privatização. Querem fazer do SNS um serviço assistencial. O ministro é das pessoas mais competentes que lá está, mas não é alheio a esta conjura. Mas tem feito alguma coisa.

E que fez quando viu que o Governo ia cair?

Fiz o SNS por despacho. Despacho de 20 de julho de 1978. Publicado no "Diário da República" de 29 de julho de 78. Diz que todos os portugueses têm direito à Saúde. Com acesso gratuito aos serviços médico-sociais e aos hospitais e a comparticipação medicamentosa. Em três ou quatro artigos de um despacho, que não era vinculativo, abri todos os serviços públicos existen-

Periodicidade: Semanal**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 131300**Temática:** Saúde**Dimensão:** 3034**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 24 a 30

tes a todos os cidadãos gratuitamente. Este despacho esteve em vigor uns quatro ou cinco anos. Até a lei 56/79 começar a ser aplicada. As pessoas começaram a ir aos serviços sem pedir um atestado de pobreza.

Foi o começo. Antes da fase dos centros de saúde, do plano de vacinação, natalidade e maternidade, a hemodiálise, etc. Antes das parcerias, as famosas PPP, tão criticadas.

Isso foi tudo noutra fase. A hemodiálise fui eu que a desenvolvi. As PPP foi o PSD, o Luís Filipe Madeira. E o PS acompanhou. Voltando atrás, o Governo cai, e o Soares vai ao Eanes para manter o Governo. E o Eanes demite o Soares, que fica furibundo. E com razão. Fiz tudo o que podia para salvar o SNS, até escrevi uma carta ao cardeal, o D. António Ribeiro, que me respondeu cordialmente. A Igreja ia atuar. E fui à Maçonaria pedir apoio, e tive-o. Mesmo os médicos que eram contra não me hostilizaram. Fui ao Conselho da Revolução, presidido pelo Eanes, e tive apoio.

Porque é que acha que o Eanes tirou o tapete ao Soares?

Acho que havia entre eles uma incompatibilidade de estilos. Uma vez o Eanes falou ao Soares com aquela voz militar e este respondeu-lhe logo: "Olhe que não sou seu sargento!" O Mário Soares é um civil, é antimilitares, antifardas. Foi iniciado na Maçonaria, mas disse logo que aquela coisa de aventais não era para ele. Bom, o Governo cai, e eu digo ao Soares: "Olha que o SNS não pode ficar quieto." E ele diz-me: "É altura de avançar!" E assinou. Assinaram quase todos no partido, o António Macedo, o Soares, o Zenha, o Manuel Alegre, mas houve um ou outro que não quis assinar, e houve outros a quem não pedi. A folha está cheia, com umas 50 assinaturas. Fiz o despa-

cho a 20 de julho, o Governo entrou em gestão a 21 ou a 22, e eu não sabia se podia publicá-lo. E tive de me valer de um amigo da Imprensa Nacional para o despacho não ficar lá sem ser publicado. E foi publicado no dia 29. E entrou em vigor. Tenho de dizer que o Mário Soares deu-me todo o apoio e calculo que ele deve ter tido muitos problemas. Se não fosse feito assim, nunca mais era feito.

Consegue imaginar a quantidade de vidas que salvou?

Consigo. Até salvei a minha. Sou um doente oncológico.

Além de fundar o SNS, fundou o PS. Esteve em Bad Münstereifel. Onde é que vinha?

Dos movimentos oposicionistas de Coimbra, do Delgado?...

Venho de muito longe, como na canção. Venho com 17 anos do Colégio de Tomar, interno, com disciplina rígida. Nascido numa aldeia, a Cumeeira, no concelho de Penela. Não vinha inteiramente virgem da política. O meu pai era um pequeno comerciante e proprietário rural, nada oposicionista. Vinha preparado pelas coisas que tinha visto na minha aldeia, onde fiz a primária e conheci a minha mulher, que era a única rapariga da 4ª classe. Quem conheceu a aldeia, a vida campesina, a vida das fábricas — eu tenho 77 anos —, fica preparado. Vi os miúdos chegarem à escola doentes, vindos dos confins, a pé, descalços, no gelo... Eu era da classe média da aldeia, lá não havia ricos. E o meu avô contava-me histórias em que o Bem vencia o Mal. Matriculei-me em Direito, em 1954, porque queria ser tribuno da plebe.

O que é que tinha lido? Marx? Romances?

Jorge Amado. E li "O Capital" completo, que é intragável. Comprei-o na Livraria Lello de Luanda, por baixo da mesa. Estive na guerra colonial. Estou onde sempre estive, nunca fui como os da extrema-esquerda que passaram para a direita e as multinacionais. E li o Camus, os livros da revolução russa, "A Mãe", "A 25ª Hora" [Virgil Gheorghiu], e o Aquilino e o Eça. E depois li o Soeiro Pereira Gomes, o Cardoso Pires, que dava uns toques, os tipos do "Novo Cancioneiro"... Mas o importante é que vinha dos sítios onde as pessoas passavam fome e viviam resignadas, que é uma coisa terrível. No concelho de Penela, a maior parte da terra ainda estava aforada. Feudalismo. Cheguei a Coimbra preparado para receber a semente. Na altura não havia esquerda nem direita, havia republicanos e monárquicos. Eu era considerado católico pela PIDE, que me fez ir lá mas nunca me perseguiu como perseguiu os comunistas. Um dos grandes males do catolicismo é que uma parte dos católicos e ministros da Igreja não é cristã. Eu sou um agnóstico cristão, porque guardo os valores do cristianismo, os valores do "Sermão da Montanha". E é maçom. O cristianismo o que é para si?

**UMA VEZ O EANES
FALOU AO SOARES COM
AQUELA VOZ MILITAR E
ESTE RESPONDEU-LHE:
'OLHE QUE NÃO SOU
SEU SARGENTO!'**

Uma doutrina social? Não tem fé.

Não. Perdi a fé. Nas minhas referências estão homens como Che Guevara, Jesus Cristo e Gandhi. E tenho um fraco pelo D. Quixote. Pragmaticamente, sou um reformista. Poeticamente, sou um revolucionário.

Podia ter ido para o Partido Comunista.

Não era para mim. Sou um livre-pensador. Em Coimbra encontro o Fernando Lopes, o grande advogado, oposicionista, que me convidou para ir trabalhar com ele. Antes, eu tinha um escritório em Penela. E nessa altura a advocacia ainda era romântica, o advogado podia empolgar o coletivo, humanizar a lei, que é abstrata. O Fernando Lopes sabia Direito e oratória. E conheci o Torga, o Fernando Valle, que começaram a levar-me com eles para as coisas da oposição.

Como é que foi parar à guerra em África?

Fiz a tropa. Depois de formado e casado. Fiz a tropa, em 58/59, na Escola de Administração Militar, onde estavam o Mota Pinto e o Pinto Balsemão. A intendência tratava dos combustíveis, dos alimentos, dos abastecimentos, nas manobras militares. Éramos conhecido por "Os Padeiros", e aprendi a fazer pão. Em África, estive num pelotão de intendência, e a malta fazia tudo. Um dia apareceu-me lá o Manuel Alegre, que eu conhecia de Coimbra, a fazer a escolta a uma coluna. Eu estive em Nambuangongo.

E não viu nada, como no poema? Como é que foi lá parar?

Fui mobilizado em 1961. Casado, com um filho. Fiz um ano em Ambrizete, no norte de Luanda. Mato. Picada. Quase no Congo. Fiquei ali um ano, a tratar da logística e dos abastecimentos. Fornecíamos tudo. Vinho, cervejas, tabaco... Também os caixões.

Podia ter-se exilado, ser objeto de consciência.

Com um filho, não podia. E aceitei a guerra achando que era episódica. Nunca admiti que durasse 13 anos. O general Craveiro Lopes, que foi Presidente, foi lá visitar um filho e passou uns dias em Ambrizete. O comando resolveu fazer-lhe um jantar, acho que foi pelo Natal, e pediu-me para fazer um discurso. E eu fiz um discurso de boas-vindas. E como uns dias antes se tinha dado a queda de Goa, Damão e Diu, disse que estávamos à beira do novo Alcácer-Quibir. Era altura de repensarmos a posição em África, se queríamos salvar a cultura e a língua. Eu tinha estudado Direito Colonial e, como muitos em Coimbra, defendia uma autodeterminação, mas admitia uma grande comunidade lusíada. O Craveiro Lopes não reagiu, e as pessoas aplaudiram. Foi dito num contexto patriótico. Três ou quatro dias depois chega uma comissão de Luanda para inspecionar o meu destacamento. Pensei: "Estou lixado." Era alferes. Tinha a gestão daquilo. E os tipos não encontraram nada. Passado pouco tempo mandaram-me para Nambuangongo. O Manuel Alegre, quando chegou lá, ficou no meu quarto, onde havia um retrato do João XXIII e outro do Fidel Castro com a

frase "O socialismo é uma bênção de Deus". Sabe que o João XXIII foi maçom? E o Manel diz-me: "Tens aqui o Fidel Castro? Não te chatearam?" E eu disse que sim, queriam que tirasse o Fidel, mas para o tirar tinha de tirar o Papa. Está contado no "Jornada de África" do Alegre. Eu ainda fui à missa em Nambuangongo, mas foi lá que perdi a fé. Um dia levantei-me e disse: "Perdi a fé. Não posso continuar a ir à missa."

Estava no meio da guerra, cenário de combate. Sofri imenso, não havia um único civil. Havia dois cumes, como dois seios de mulher — escrevi isso num poema —, e no vale uma antiga escola primária destelhada que tínhamos reconstruído. Fomos atacados várias vezes. Eu tinha uma pistoleca, uma Parabellum.

E o Assis Pacheco? Outro coimbrão que esteve em Nambuangongo...

Uma vez estava a almoçar comigo, eu fazia uns petiscos, tinha cozinheiros e padeiros, e houve um ataque. Metralhadora. Ficou petrificado. Foi para Luanda e esteve internado e passado pouco tempo voltou a Portugal. Fim da comissão.

Nunca viu um combate? Sangue? Mortos?

Cheguei a ir a Luanda numa coluna. Não fomos atacados porque não calhou. Havia um rapaz chamado Ortigão, irmão de um colega meu, da oposição. Estávamos a jogar King. Comecei a fumar em Nambuangongo, e a beber whisky. Em Coimbra, era um rapaz praticamente sem vícios. Ele levantou-se e saiu. Quando regressou, vinha aos bocados dentro de uma manta.

É maçom. A Maçonaria está com má reputação. E considerada um centro de negócios e proteção mútua, de corrupção...

Hoje até há juizes ou polícias corruptos, uma coisa inimaginável no meu tempo. O país está cheio de condes de Abranhos e de Alves dos Reis. A corrupção, como o amor ou o ódio, é tão

antiga como a Humanidade. Quando alguém vive acima das suas posses, o Estado deve averiguar, o que já acontecia 400 ou 500 anos antes de Cristo, na Roma de Sólon. Aqui, não quiseram inverter o ónus da prova, mas era fácil fazer uma redação sem inverter o ónus da prova. Em Direito, há presunções. Aqui, a lei não passa porque os que votam a lei são cúmplices da corrupção. Mas vou-lhe mostrar a constituição do GOL. Quando falamos de Maçonaria, temos de ter muito cuidado. Fui convidado pelo Fernando Valle, como o fui para o PS. Fazia sentido.

Não acha os rituais ridículos? O avental, o triângulo...

A vida está cheia de rituais. Quando estava no Governo gozavam comigo por causa do SNS, "tira o avental", "põe o avental", até que um sujeito me entrevistou para o "Tempo" e, tentando apanhar-me desprevenido, perguntou-me se eu era maçom. Disse que sim, e ele ficou contente. Mas obriguei-o a ouvir o resto, para perceber o que era a Maçonaria. A partir daí ninguém mais me chateou. Acho que o maçom se deve assumir publicamente, é uma honra. O verdadeiro maçom faz parte de uma elite moral. Temos em Portugal a Maçonaria antiga, administrada pelo GOL, fundada em 1802, de que foram grão-mestres grandes nomes. E passaram por lá o Antero, o Eça, o Bocage, o Gago Coutinho. O GOL é antidogmático, de influência francesa, e reconhece as mulheres. Há 20 anos houve uma dissidência e fundaram a Loja Regular. Mais conservadora e dogmática, anglo-saxónica, aceitam landmark como "a mulher não tem dignidade para ser maçom", ou "acreditarás em Deus e na imortalidade da alma". É uma Maçonaria que não tem o lastro histórico e de intervenção cívica do GOL. Que fez as grandes reformas e a Constituição de 1822. Mas no GOL, a seguir ao 25 de abril, entrou muita gente. O GOL chegou ao 25 de abril definido, e facilitaram a entrada. Sofreu do oportunismo de muita gente. As instituições foram contaminadas pelo grande capital, os negócios, os interesses... A família pode ser numerosa mas mantém-se, o núcleo central. Os grandes, os grandes iniciados, estão todos mortos, e os que estão vivos já não podem subir a escada. Isto, se sair na entrevista, é uma mensagem maçónica para quem souber ler.

Nem tento, sou mulher. Estou de fora.

As mulheres começaram por ser admitidas na Maçonaria, o problema é que não podiam sair à noite. Não se esqueça que a Natália foi a primeira mulher que fumou em público. Foi criada uma Loja feminina e existe uma Loja mista.

Porque é que as mulheres e os homens não podem estar todos juntos numa reunião do GOL sem separação de lojas de género?

Porque há uns conservadores que acham isso mal, sensibilidades diferentes. Mas há obediências para todos. Se houver um problema que crie cisões, devemos evitá-lo. ●

OS GRANDES INICIADOS ESTÃO TODOS MORTOS, E OS QUE ESTÃO VIVOS JÁ NÃO PODEM SUBIR A ESCADA [DA MAÇONARIA]